

A ESPERANÇA CRISTÃ:
SENTIDO E SIGNIFICADO NO CONTEXTO ATUAL

Nuno Santos

OS JOVENS E A ESPERANÇA

Marta Sousa Coutinho

DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO FRATERNA
NA PERSPECTIVA DA BULA DO PAPA FRANCISCO
PARA O JUBILEU DA ESPERANÇA – 2025

Fr. José Nunes, op

POBREZA E HORIZONTES DE ESPERANÇA

Eugénia Quaresma

DE FINIBUS CIVITATIS: ESCATOLOGIA
EM SANTO AGOSTINHO. UMA LEITURA
DOS LIVROS XIX-XXII DO DE CIVITATE DEI.

Fr. Geraldo Selelo, op

PARÓQUIA COMO LUGAR DE (RE)ENCONTRO

Fr. Pedro Mangana, op

ESPERANÇA, A SEMENTE DA VIDA

Carla Correia

CADERNOS

CADERNOS

N.º 39 - 2025 - Ano XXX

CADERNOS



Instituto São Tomás de Aquino

CELEBRAR
A ESPERANÇA



Instituto São Tomás de Aquino

N.º 39 - 2025 - Ano XXX

CADERNOS

CELEBRAR A ESPERANÇA

EDITORIAL	3
A ESPERANÇA CRISTÃ: SENTIDO E SIGNIFICADO NO CONTEXTO ATUAL	5
OS JOVENS E A ESPERANÇA	13
DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO FRATERNA NA PERSPECTIVA DA BULA DO PAPA FRANCISCO PARA O JUBILEU DA ESPERANÇA – 2025	17
POBREZA E HORIZONTES DE ESPERANÇA	25
DE FINIBUS CIVITATIS: ESCATOLOGIA EM SANTO AGOSTINHO. UMA LEITURA DOS LIVROS XIX-XXII DO DE CIVITATE DEI.	35
PARÓQUIA COMO LUGAR DE (RE)ENCONTRO	43
ESPERANÇA, A SEMENTE DA VIDA	55

CADERNOS ISTA

Publicação:  - Instituto São Tomás de Aquino
Ordem dos Pregadores - Portugal

Impressão: Indugráfica, Lda. - Fátima

Depósito legal: 101412/96

ISSN: 0873-4585

Direcção: *fr. Gonçalo Diniz, op*

Pedidos para:

CADERNOS 

Convento de S. Domingos

Rua João de Freitas Branco, n.º 12

1500-359 Lisboa PORTUGAL

E-mail: istaop@gmail.com

Telefone: 217 228 370

www.ista.pt

EDITORIAL

O ciclo de conferências, organizado pelo ISTA ao longo deste ano de 2025, visou reverberar, através de profunda reflexão teológica, e não só, a Bula “*Spes non confundit*”, do saudoso Papa Francisco, publicada em 9 de Maio de 2024, e que instituiu, para toda a Igreja, o ano de 2025 como um Ano Jubilar da Esperança. Este é o contexto eclesial e espiritual das conferências realizadas sob o título geral: “Celebrar a Esperança”.

Na sua conferência sobre “A esperança cristã: sentido e significado no contexto atual”, Nuno Santos apresenta-nos uma excelente reflexão teológica, enriquecida pela sua larga experiência pastoral. Por sua vez, Marta Sousa Coutinho – “Os jovens e a esperança” – apresenta-nos esta virtude teologal na perspectiva dos jovens do nosso tempo, em contexto nacional, num texto breve, mas muito significativo e revelador. O frei José Nunes, por outro lado, numa análise teológica de grande amplitude, reflete sobre os fundamentos da esperança cristã, partindo de duas situações concretas: a perspectiva dos excluídos e dos deserdados da esperança; e o compromisso concreto com o ideal da inclusão fraterna. Finalmente, numa perspectiva eminentemente sociológica, Eugénia Quaresma, sob o tema “Pobres e horizontes de esperança”, fala-nos da esperança vivida no contexto do drama das migrações humanas.

Estes textos das conferências são complementados com os contributos académicos dos estudantes dominicanos da nossa Província – frei Geraldo Seleo e frei Pedro Mangana – a partir das suas dissertações finais no Mestrado Integrado em Teologia, cujos temas tocam também, diretamente até, a grande esperança em apreço.

Na Sagrada Escritura, a palavra “esperança” aparece cerca de 80 vezes nos livros do Antigo Testamento e 55 vezes no Novo

Testamento. Neste último caso, é particularmente abundante nos escritos de São Paulo. Em livros que visam narrar a história do homem em busca de Deus, e de Deus em busca do homem, não deixa de ser muito significativo. Por outras palavras, um crente não se pode entender nem conceber fora do universo da esperança. Que estas reflexões, que ora publicamos, nos possam ajudar a viver cada vez mais esta virtude tipicamente cristã.

*Frei Gonçalo Pereira Diniz, op
Presidente do ISTA*

A ESPERANÇA CRISTÃ: SENTIDO E SIGNIFICADO NO CONTEXTO ATUAL

Nuno Santos

A ESPERANÇA NOS DINAMISMOS DO MUNDO ATUAL

Arriscar falar ou escrever sobre a esperança cristã para o mundo de hoje exige pensar no mundo atual, com todos os limites e complexidades. Caso contrário, corremos o risco de perder o critério essencial e fundante do cristianismo – Princípio da Incarnação. A teologia, em geral, e a esperança, em particular, não pode ser um discurso abstrato e distante, teórico e descontextualizado.

A esperança cristã tem de ser compreendida nas mutações sociais e económicas, políticas e espirituais de cada tempo e de cada lugar. Vivemos num tempo complexo que não se compadece com respostas fáceis nem globais. Hoje tudo parece mais fragmentado, provisório, incerto. Este é o tempo onde a internet se transformou no espaço em que nos movemos, a Inteligência Artificial tornou-se o algoritmo que nos conduz, as redes sociais são os lugares de ‘conversa’ onde passamos grande parte do tempo. Estamos num tempo sociopolítico em que os sistemas de aliança estão a dar lugar aos sistemas de potências, onde vence o que tem mais poder, o que fala mais alto, o que tem mais seguidores.

No que diz respeito à religião, parece dominar uma certa indiferença e uma certa apatia que Tomás Halík designa de *apateísmo*. Trata-se essencialmente da indiferença diante da fé e das respostas que ela consigo traz¹. A bipartidarização entre o mundo católico e o mundo laico foi verdadeira nas épocas de confronto entre o catolicismo e o laicismo ou entre o catolicismo

1 Cf. T. HALÍK, A. GRUN, *O abandono de Deus*, Prior Velho 2016, 28.

e o comunismo. Mas o muro caiu e há muito tempo. Hoje é-se menos cristão, mas talvez também menos anticristão².

No entanto, a dimensão espiritual não desapareceu no mundo, a fé não acabou nos seres humanos nem nas nossas comunidades. François-Xavier Bustillo afirma que “na nossa sociedade falar do desaparecimento do sagrado é erróneo; falar do regresso evoca uma certa nostalgia. E Claude Geffré falava das metamorfoses do sagrado porque sempre houve uma permanência do sagrado no mundo”³. De facto, o sagrado continua a dizer-nos e a reclamar espaço no mais íntimo de cada um de nós e na nossa sociedade, mas hoje expressa-se de muitas maneiras e de muitos modos, com muitas sensibilidades e muitas conotações.

Neste sentido, o Papa Francisco disse que «o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus» (*Evangelii Gaudium*, 89). Eis-nos diante do maior desafio – responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas e, sobretudo, despertar essa sede de sentido e de absoluto naqueles que ainda não a têm.

JUBILEU DA ESPERANÇA EM SINTONIA COM O MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

O Papa Francisco proclamou um Jubileu para toda a Igreja no ano de 2025, desejando que seja uma oportunidade de transmitir uma mensagem de esperança à Igreja e à sociedade. Na Bula de proclamação do Jubileu, publicada no dia 9 de maio de 2024, com o título ‘*Spes non confundit*’ (‘A esperança não engana’ – Rm

2 Cf. ANDREA RICCARDI, *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro del cristianesimo*, Bari-Roma 2021, 7.

3 FRANÇOIS-XAVIER BUSTILLO, *A vocação do padre perante as crises. A fidelidade criativa*. SNL, Fátima 2022, 122.

5,5), o Papa começa por manifestar um desejo: ‘Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança!’ (n.º 1).

O tema da esperança é bastante recorrente no Magistério do Papa Francisco. Logo, na exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de nov. de 2013), sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, onde usa 27 vezes a palavra esperança, assume que “o homem não pode viver sem esperança” (n. 275). Neste mesmo texto encontramos o grito mais forte: “Não deixemos que nos roubem a esperança!” (n. 86). Já neste Jubileu, o Papa lança-nos o desafio de sermos ‘peregrino de esperança’, da ‘esperança que não cede nas dificuldades’, que ‘se funda na fé e é alimentada pela caridade’ (cf. n.º3).

A ESPERANÇA COMO DIMENSÃO CONSTITUTIVA DO SER HUMANO

A esperança é uma dimensão constitutiva do ser humano. Neste mesmo sentido, afirma o teólogo espanhol jesuíta Juan Alfaro, a esperança está presente em todas as dimensões fundamentais da existência humana, ou seja, na consciência do homem, na sua liberdade, na sua historicidade e temporalidade, na sua relação com o mundo e com os outros⁴.

O Padre Carlos Carneiro, no *ponto sj* escreveu: “Nascemos, vivemos e, talvez com um enorme espanto, constatamos que nada mobiliza tanto o ser humano como o dinamismo da esperança. (...) A esperança tornou-se para cada ser humano num ‘alfa’ e num ‘ômega’. Tem o poder de nos manter acordados, fazendo tudo para ‘não vivermos acomodados a este mundo’”⁵.

Trata-se de uma atitude que é dinamismo estruturante e fundamento identitário do ‘ser cristão’. Assim, podemos dizer, como Michele Masciarelli, a esperança pode exprimir por si só

4 Cf. J. ALFARO, «Les espoirs intramondains et l’espérance chrétienne», *Conc(F)* 59 (1970) 53.

5 [consultado a 03.01.2025] <https://pontosj.pt/especial/peregrinos-da-esperanca/>

tudo o que significa ser cristão⁶. Com efeito «Nós, cristãos, somos mulheres e homens de esperança»⁷.

De facto, a vida do cristão é e tem de ser vida em esperança⁸. Mas o que esperamos? E o que nos espera?⁹ Ou melhor ainda, o que esperamos nós quando dizemos que ‘esperamos’? Qual é o conteúdo da esperança?! Mais o que um *princípio-esperança*, enunciado por Ernst Bloch, devemos procurar o *princípio da esperança*¹⁰.

Foi o contributo do filósofo ateu alemão Ernst Bloch que marcou radicalmente a reflexão da segunda metade do século XX sobre a esperança. O filósofo alemão, Ernst Bloch, defende a importância do *Princípio Esperança* [Das Prinzip Hoffnung], nos seus escritos entre 1938-1947 (revistos e publicados em 1953 e 1959)¹¹, sempre dentro do materialismo marxista, mas numa perspetiva ontológica¹². Alguns anos depois, o teólogo evangélico Jürgen Moltmann publica a *Teologia da esperança* [Theologie der Hoffnung] (1964) onde discute a tese d’O *princípio esperança* de Ernst Bloch, concluindo que a escatologia cristã precisa de procurar o princípio da Esperança¹³.

A ESPERANÇA QUE JESUS DÁ NÃO ESTÁ ‘EXPLÍCITA’ NOS EVANGELHOS

A vida e as palavras de Jesus são o conteúdo e o fundamento da esperança cristã¹⁴. Por isso, precisamos de ‘entrar’ nessa vida e

6 Cf. M.G. MASCIARELLI, *La grande speranza*, Città del Vaticano 2008, 8..

7 FRANCISCO, *Audiência Geral*, 01 de fevereiro de 2017.

8 Cf. P. LAÍN-ENTRALGO, *La espera y la esperanza*, Madrid 1958², 23.

9 «Chi siamo? Da dove veniamo? Dove andiamo? Che cosa ci aspettiamo? E che cosa ci aspetta?». E. BLOCH, *Il principio speranza*, Milano 2009², 5.

10 O. GONZÁLEZ-CARDEDAL, *Raiz de la esperanza*, Salamanca 1996², 480.

11 Cf. E. BLOCH, *Il principio speranza*, Milano 2009², 14.

12 Ibidem, 246. Sobre a vida, o pensamento e bibliografia sobre Ernst Bloch aconselhamos: B. MONDIN, *I teologi della speranza*, Roma 1970, 17-27.

13 Cf. J. MOLTMAN, *Teologia della speranza*, Brescia 2008⁸, 373.

14 Cf. R. FABRIS, *Attualità della speranza*, Brescia 1984, 11.

nessas palavras para podermos aprofundar o sentido mais profundo da esperança.

A esperança que Jesus dá não é abstrata nem teórica. Trata-se de uma esperança inserida na história, ainda que não se esgote na mesma, uma esperança feita de palavras e de gestos concretos ainda que não se esgote aí, uma esperança que tem em Jesus a referência ainda que nos revele a plenitude da Trindade.

Não deixa de ser interessante sublinhar que nos Evangelhos, o substantivo ἐλπίς – esperança – nunca aparece e que o verbo grego ἐλπίζω – esperar, surge apenas cinco vezes:

- a. uma vez em Mt, numa citação do AT – «E, no seu nome, *hã-o-de esperar* [ἐλπιούσιν] os povos (literalmente - ‘gentios’)!» (12,21);
- b. três vezes em Lc - «E, se emprestais àqueles de quem esperais [ἐλπίζετε] receber, que agradecimento (literalmente - ‘recompensa’) mereceis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, a fim de receberem outro tanto» (6,34), «Ao ver Jesus, Herodes ficou extremamente satisfeito, pois havia bastante tempo que o queria ver, devido ao que ouvia dizer dele, esperando [ἤλπιζεν] (literalmente - ‘esperava’) que fizesse algum milagre na sua presença» (23,8), «Nós esperávamos [ἤλπιζομεν] que fosse Ele o que viria redimir (literalmente – ‘libertar’) Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas» (24,21);
- c. e uma última em Jo «Não penseis que Eu vos vou acusar diante do Pai; há quem vos acuse: é Moisés, em quem continuais a pôr a vossa esperança [ἠλπίκατε] (literalmente – ‘em quem vós esperastes’))» (5,45)¹⁵.

Deste modo, para compreendermos o conteúdo da Esperança que Jesus dá não podemos ficar apenas numa análise das palavras

15 Cf. X. LÉON-DUFOUR, «espérance, espérer», in *DNT*, Paris 1975², 240. «Even if the noun ‘hope’ is not found at all in the Gospels and the verb ‘to hope’ is found only five times in the Gospels». T. PRENDERGAST, «Hope», New York 1992, 282. Ver ainda: R. FABRIS, *Attualità della speranza*, Brescia 1984, 11-12.

usadas, mas precisamos de examinar o evento em relação ao qual as palavras se referem¹⁶. Podemos dizer que nos evangelhos não está a palavra esperança porque tem a realidade¹⁷. De facto, não só consideramos que essa realidade da esperança está presente nos evangelhos como consideramos que possa ser uma das categorias mais profundas que revela o conteúdo essencial dos encontros com Jesus.

Esta afirmação da esperança implícita na narração bíblica não se esgota nos próprios textos, mas reside também nas diversas personagens protagonistas dessa esperança que acontece na relação. Desde logo temos de destacar Abraão, como o primeiro paradigma da esperança em Deus, toda a sua história desde o início ao fim reflete a ‘marca’ e a forma transformadora dessa esperança. À luz desta história podemos registar a história de outros personagens do AT, como Moisés e de muitos profetas como Ezequiel. Depois, como já referimos anteriormente, encontramos o cumprimento desta esperança no próprio Jesus de Nazaré.

Neste contexto das referências implícitas à esperança expressas na bíblia, podemos falar ainda das metáforas da esperança e, mais concretamente, das parábolas da esperança (como a parábola do semeador em Mc 4, 1-20; as parábolas do Reino como a da semente lançada à terra em Mc 4, 26-29 e a do grão de mostarda Mc 4,30-32; e a do ‘pai misericordioso’ – habitualmente identificada como ‘parábola do filho pródigo’ – em Lc 15,11-32).

O CONTEÚDO E O TEMPO DA ESPERANÇA CRISTÃ

Cada encontro pessoal com Jesus permite que cada um seja ‘tocado’ pela esperança que tudo transforma e que tudo ‘re-cria’. Mas, em cada encontro, essa esperança decorre não apenas do próprio ‘encontrar-se’ (‘ser-se-entre’), mas também do tempo novo que Jesus dá. Esse tempo é determinante para que a esperança não seja uma ilusão inconsequente ou uma utopia irreal. Trata-se sempre de um encontro Preformativo capaz de realizar factos

16 Cf. J. MOLTSMANN, *Teologia della speranza*, Brescia 2008⁸, 144.

17 Cf. E. RONCHI, M. MARCOLINI, *Perché avete paura?*, Cinisello Balsamo 2013, 47.

novos, capaz de transformar a própria realidade que somos e vivemos.

Como nos recordou o Papa Bento XVI: «A mensagem cristã não era só ‘informativa’, mas ‘performativa’. Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida. A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova» (Spe Salvi, 2).

A esperança não é uma palavra, mas uma relação. Uma relação com Jesus. «Cristo Jesus, nossa esperança» (1Tm 1,1b)¹⁸ – eis o fundamento da esperança dos cristãos. Cristo é o ‘eschaton’ (o último e o definitivo) em si mesmo e para si mesmo, mas também para os outros e para a história. A sua presença na história representa o começo da plenitude da história¹⁹. Deste modo, Cristo é o cumprimento da esperança. Trata-se de uma ‘esperança melhor’ que supera a lei (cf. Heb 7,18-19)²⁰.

Em cada encontro Jesus dá futuro ao presente. Esse tempo novo que Jesus dá é esse tempo denso, esse tempo cheio de sentido, essa abertura que nos traz e nos introduz no αἰών (eterno). De facto, Jesus revela-nos não só a ‘plenitude do tempo’ como, principalmente, o quanto de καιρός há no χρόνος. De facto, o tempo novo que Jesus dá a cada um daqueles com quem se encontra nos evangelhos é este καιρός, não como um tempo ‘breve’ mas como um tempo ‘pleno’. O tempo que ‘abre’ cada pessoa ao mistério.

Só neste sentido é que a afirmação de Michele Giulio Masciarelli alcança profundidade - o presente é o lugar da esperança porque aquilo que a esperança promete não o promete apenas, mas começa a dá-lo e a fazê-lo fruir no presente. Deste modo, a esperança não é só a espera daquilo que ainda não existe; mas é sobretudo a tomada de consciência de um bem que já existe, mas deve crescer até à sua plenitude. Por isso, a esperança não

18 1Tm 1,1b: «Χριστοῦ Ἰησοῦ τῆς ἐλπίδος ἡμῶν». NA²⁸.

19 Cf. J. ALFARO, *Esperanza cristiana y liberación del hombre*, Barcelona 1972, 38.

20 Cf. G. VISONÀ, «Introdução», in *La speranza nei Padri*, Milano 1993, 49.

qualifica o tempo apenas como vigília, mas especialmente como um *advento*, ou seja, como lugar e espaço da concretização da graça e da realização salvífica²¹.

21 Cf. M. MASCIARELLI, *La grande speranza*, Città del Vaticano 2008, 22.

OS JOVENS E A ESPERANÇA

Marta Sousa Coutinho

Refletir sobre a esperança. Por vezes, a nossa realidade parece distante da esperança que idealizamos ter ou viver.

Muitas vezes, dizemos: “Ah!, mas se a minha realidade fosse outra...”, mas a verdade é que é a partir da nossa realidade concreta que podemos realmente viver a esperança. Não é algo abstrato, mas o que temos à nossa volta, aquilo que podemos concretizar.

Gostaria de trazer uma visão mais prática e próxima de nós, refletindo sobre como a esperança se manifesta nas nossas vidas e na realidade que vivemos como jovens. Muitas vezes, espera-se de nós, jovens, que sejamos a solução para os problemas criados pelas gerações anteriores.

Mas também nós temos as nossas próprias fontes de esperança, que são constituídas tanto pelas gerações anteriores, como a própria geração atual. E muitas vezes somos invadidos por perspetivas mais negativas, como “a vossa geração está perdida”, “quando chegar a vossa vez não há reformas”, “a ONU já não serve para nada”...

Hoje, o mundo em que vivemos, de facto, apresenta grandes desafios como a crise económica, desigualdades sociais, desemprego, falta de perspetivas, desinformação, desconfiança nas instituições... Além disso, temos de lidar com mudanças climáticas e um futuro incerto para o nosso planeta.

Esses problemas podem enfraquecer-nos e tirar a nossa esperança. Mas também podem ser o combustível para que busquemos inovação, para que sejamos sinais de esperança no meio de tanta dificuldade.

E O QUE PODEMOS FAZER ENQUANTO JOVENS?

Um dos grandes desafios é existir de forma autêntica neste mundo, onde a pressão para alcançar sucesso, popularidade e influências digitais é imensa, quando vivemos numa “autoestrada digital sem regras”.

E, por isso, o que quero destacar é a importância de nos focarmos na esperança que queremos levar ao mundo.

A esperança que temos na vida eterna é o que nos dá esperança para viver bem aqui na Terra. Não há mal em sermos invisíveis aos olhos do mundo, pois a nossa esperança é além desta vida. Mas essa esperança deve ser ativa, real e concreta.

A esperança que proponho para todos os jovens, inclusive para mim, é uma esperança de autonomia, mas também de interdependência. A aceitação do nosso crescimento pessoal faz parte de uma vida com sentido, onde o coletivo também tem o seu lugar.

Autonomia e interdependência parecem conceitos opostos, mas a capacidade que temos de fazer o que quer que seja só é possível através do encontro com o outro.

E para que o façamos, devemos colocar a nossa esperança no combate, na luta diária de acreditar tanto no facto de sermos capazes de fazer o que podemos fazer, como no saber que não vivemos sem os outros.

O Papa Francisco, na JMJ de 2019, dizia: “dando o melhor de vós mesmos, comprometendo-vos, fizestes o milagre da multiplicação da esperança.” Mas só foi possível, porque as pessoas agiram e trabalharam juntas.

Também nesse ano, o Papa sugeriu um encontro dos jovens para repensar a Economia e o modelo económico atual do mundo. Esse encontro foi cancelado devido à Covid – mas o que fizeram os jovens?

Autonomamente e na dependência de cada um, criaram um movimento com o objetivo de repensar numa economia mais solidária, humana e que olhe para o bem da nossa casa comum... que é mundial e que é real e concreto até aos dias de hoje. Trata-se, afinal, daquilo a que se chamou a Economia de Francisco.

É nesse contexto de esperança ativa, que é ao mesmo tempo pessoal e coletiva, que surge a importância do encontro.

O encontro com o outro, com as nossas comunidades e com a nossa missão, é o que faz com que a nossa esperança não seja um conceito abstrato, mas algo que ganha forma e se concretiza no dia-a-dia.

Esta esperança é transformadora porque nos chama a agir e a cuidar não só de nós, mas também de quem nos rodeia, do planeta e das gerações futuras.

Em 2003, os bispos da Colômbia na sua Conferência Episcopal diziam que devemos ‘libertar em nós as energias da esperança, traduzindo-as em sonhos proféticos, ações transformadoras e imaginação da caridade’.

E o Papa Francisco ajuda-nos com o seu apelo a sermos “empreendedores de sonhos”.

Ainda antes do início deste ano Santo, o Papa Francisco pediu que rezássemos pelos Peregrinos da Esperança, aqueles que se colocam a caminho.

O Papa chama-nos a um caminho de esperança, mesmo diante das guerras e das dificuldades. Ele pede-nos uma conversão ecológica integral, a cuidar da nossa casa comum.

Esta conversão que o Papa nos pede, requer ação, tanto da parte dos jovens, como da de todas as gerações, ensinando-nos que ‘a esperança cristã é uma âncora que dá sentido à vida’.

Para os jovens, a pressão que enfrentamos não deve vir da obrigação de sermos perfeitos ou de sermos os salvadores do mundo, mas do cuidado que as gerações anteriores devem ter para conosco e nós tanto para com as anteriores como para as que aí vêm.

Não devemos ter medo da nossa realidade para vivermos a esperança, mas viver a esperança na nossa realidade – porque é na próxima vida que colheremos os seus frutos, por mais invisíveis que sejam nesta.

Gostava de lembrar que os jovens não são a esperança do futuro, mas são a esperança do presente.

O nosso papel é agir agora, dentro das nossas possibilidades, para contribuir para um mundo mais justo e mais solidário. Que possamos ter uma esperança ativa, que nos mova para a ação e para a transformação!

DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO FRATERNA NA PERSPECTIVA DA BULA DO PAPA FRANCISCO PARA O JUBILEU DA ESPERANÇA – 2025

Fr. José Nunes, op

A realidade da exclusão pode ser estudada e apreciada a partir de muitos e diferentes pontos de vista: pelas ciências sociais, pelos dados estatísticos ou demográficos, por abordagens mais de tipo filosófico ou teológico (neste caso pelas perspectivas pastorais ou morais). A reflexão que aqui se faz parte de um texto muito concreto – a Bula de Proclamação do Ano Jubileu da Esperança/2025 –, o que nos conduzirá, em primeiro lugar, a uma aproximação mais descritiva (afinal, o que diz exactamente o texto do Papa Francisco?) e só depois, em segundo lugar, à discussão e fundamentação mais analíticas de tal temática.

O texto afirma, logo de início: «Todos esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham, com cepticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade. Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança! A Palavra de Deus ajuda-nos a encontrar as razões para isso» (nº1).

E, a partir daqui, creio que todo o documento vai procurando responder a três grandes questões: que ESPERANÇA para os excluídos?; que COMPROMISSO para a inclusão?; que RAZÕES para a Esperança?

1. OS EXCLUÍDOS OU DESERDADOS DA ESPERANÇA

O Papa Francisco enumera algumas pessoas e situações especialmente carenciadas de esperança e que reclamam lhes seja levada a esperança.

Vítimas das guerras – «Que o primeiro sinal de esperança se traduza em paz para o mundo, mais uma vez imerso na tragédia da guerra (...) «Como é possível que o seu desesperado grito de ajuda não impulse os responsáveis das Nações a querer pôr fim aos demasiados conflitos regionais, cientes das consequências que daí podem derivar a nível mundial? Será excessivo sonhar que as armas se calem e deixem de difundir destruição e morte? O Jubileu recorda que serão «chamados filhos de Deus» todos aqueles que se fazem «obreiros de paz» (Mt 5, 9). A necessidade da paz interpela a todos e impõe a prossecução de projetos concretos. Que não falte o empenho da diplomacia para se construírem, de forma corajosa e criativa, espaços de negociação em vista duma paz duradoura» (nº8).

Perda do desejo de transmitir a vida – «Por causa dos ritmos frenéticos da vida, dos receios face ao futuro, da falta de garantias laborais e de adequada proteção social, de modelos sociais ditados mais pela procura do lucro do que pelo cuidado das relações humanas, assiste-se em vários países a uma preocupante queda da natalidade» (...) A abertura à vida, com uma maternidade e uma paternidade responsáveis, é o projeto que o Criador inscreveu no coração e no corpo dos homens e das mulheres, uma missão que o Senhor confia aos cônjuges e ao seu amor. Além do empenho legislativo dos Estados, é urgente que não lhes falte o apoio convicto das comunidades crentes e da inteira comunidade civil em todas as suas componentes» (nº9).

Presos – «Penso nos presos que, privados de liberdade, além da dureza da reclusão, experimentam dia a dia o vazio afetivo, as restrições impostas e, em não poucos casos, a falta de respeito (...) Proponho aos Governos que, no Ano Jubilar, tomem iniciativas que lhes restitua esperança: formas de amnistia ou de perdão da pena, que ajudem as pessoas a recuperar a confiança em si mesmas e na sociedade; percursos de reinserção na comunidade,

aos quais corresponda um compromisso concreto de cumprir as leis» (nº10).

Doentes – «Que se encontram em casa ou no hospital. Que os seus sofrimentos encontrem alívio na proximidade de pessoas que os visitem e no carinho que recebem! (...) Oxalá não falte a atenção inclusiva por todos aqueles que, encontrando-se em condições de vida particularmente extenuantes, experimentam a sua própria fragilidade, de modo especial se sofrem de patologias ou deficiências que limitam fortemente a autonomia pessoal. O cuidado para com eles é um hino à dignidade humana, um canto de esperança que exige a sincronização de toda a sociedade» (nº11).

Jovens – «Muitas vezes, infelizmente, vêm desmoronar-se os seus sonhos. Não os podemos decepcionar: o futuro funda-se no seu entusiasmo (...) A ilusão das drogas, o risco da transgressão e a busca do efêmero criam nos jovens, mais do que nos outros, confusão e escondem-lhes a beleza e o sentido da vida, fazendo-os escorregar para abismos escuros e impelindo-os a gestos autodestrutivos. Por isso, que o Jubileu seja, na Igreja, ocasião para um impulso a favor deles: com renovada paixão, cuidemos dos adolescentes, dos estudantes, dos namorados, das gerações jovens! Mantenhamo-nos próximo dos jovens, alegria e esperança da Igreja e do mundo!» (nº12).

Migrantes – «Deixam a sua terra à procura duma vida melhor para si próprios e suas famílias. Que as suas expectativas não sejam frustradas por preconceitos e isolamentos! (...) A tantos exilados, deslocados e refugiados que, por acontecimentos internacionais controversos, são forçados a fugir para evitar guerras, violência e discriminação, sejam garantidos a segurança e o acesso ao trabalho e à instrução, instrumentos necessários para a sua inserção no novo contexto social. Possa a comunidade cristã estar sempre pronta a defender os direitos dos mais débeis. Generosamente abra de par em par as portas do acolhimento, para que nunca falte a ninguém a esperança duma vida melhor. Ressoie nos corações a Palavra do Senhor que, na grande parábola do juízo final, disse: “Era estrangeiro e acolhestes-me», porque «sempre que fizestes

isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 35.40)» (nº13).

Idosos – «Que muitas vezes experimentam a solidão e o sentimento de abandono (...) Valorizar o tesouro que eles são, a sua experiência de vida, a sabedoria que trazem consigo e o contributo que podem dar, é um empenho da comunidade cristã e da sociedade civil, chamadas a trabalhar em conjunto em prol da aliança entre as gerações. Dirijo um pensamento particular aos avôs e às avós, que representam a transmissão da fé e da sabedoria de vida às gerações mais jovens. Sejam amparados pela gratidão dos filhos e pelo amor dos netos, que neles encontram as suas raízes, compreensão e estímulo» (nº14).

Pobres – «Os milhares de milhões de pobres, a quem muitas vezes falta o necessário para viver. Face à sucessão de renovadas vagas de empobrecimento, corre-se o risco de nos habituarmos e resignarmos (...) Não podemos desviar o olhar de situações tão dramáticas, que se vêem já por todo o lado, e não apenas em certas zonas do mundo. Todos os dias encontramos pessoas pobres ou empobrecidas e, por vezes, podem ser nossas vizinhas de casa. Frequentemente, não têm uma habitação nem alimentação suficiente para o dia. Sofrem a exclusão e a indiferença de muitos. É escandaloso que, num mundo dotado de enormes recursos destinados em grande parte para armas, os pobres sejam a maioria (...) Não esqueçamos: os pobres são quase sempre vítimas, não os culpados» (nº15).

2. A ESPERANÇA NÃO SE DISSOCIA E ALIMENTA-SE DE UM COMPROMISSO

A esperança pode ser vista e abordada de muitas formas: esperança como atitude positiva/optimista na vida, esperança como forma de enfrentar problemas, esperança na vida eterna/na vida para além da morte... Mas aqui consideramos a ESPERANÇA não apenas como uma atitude pessoal: sim uma crença e um compromisso na vitória da inclusão sobre a exclusão! Tal esperança não ignora, portanto, um sério compromisso pela transformação da realidade da exclusão.

No texto da Bula que aqui tratamos, o Papa faz vários apelos para que gestos concretos dêem corpo à esperança, passos que permitirão passar da exclusão à inclusão fraterna:

1. Que os bens da terra se distribuam por todos de forma justa, e os gastos com armamentos se orientem para acabar com a fome no mundo.
2. Que os países ricos estabeleçam o perdão das dívidas aos países pobres – não apenas por generosidade, mas por questão de justiça (hoje agravada pela ‘dívida ecológica’ Norte-Sul).
3. Que a Igreja supere as divisões e construa a UNIDADE.

Neste sentido, há como que um retomar semelhante daquelas propostas na sua mensagem papal para o Dia Mundial da Paz deste ano (1/1/2025):

– «Antes de mais, retomo o apelo lançado por São João Paulo II, por ocasião do Jubileu do ano 2000, para que se pense numa consistente redução, se não mesmo no perdão total da dívida internacional, que pesa sobre o destino de muitas nações (...)

– Além disso, apelo ao respeito pela dignidade da vida humana, desde a concepção até à morte natural, para que cada pessoa possa amar a sua vida e olhar para o futuro com esperança (...). Particularmente, neste sentido, gostaria de convidar, uma vez mais, para um gesto concreto que possa favorecer a cultura da vida. Refiro-me à eliminação da pena de morte em todas as nações. Em realidade, esta punição, além de comprometer a inviolabilidade da vida, aniquila toda a esperança humana de perdão e de renovação (...)

– Atrevo-me também a lançar um outro apelo às jovens gerações (...) neste tempo marcado pelas guerras: utilizemos pelo menos uma percentagem fixa do dinheiro gasto em armamento para a criação de um fundo mundial que elimine definitivamente a fome e facilite a realização de atividades educativas nos países mais pobres que promovam o desenvolvimento sustentável, lutando contra as alterações climáticas».

3. FUNDAMENTOS PARA A ESPERANÇA

Há perguntas que sempre nos assaltam: haverá motivos para a esperança? Quais os fundamentos da esperança? A esperança em ‘novos céus e nova terra’: uma ilusão voluntarista? De onde nos vem a esperança? De onde nos vem a crença na possibilidade de um mundo de fraternidade universal, de inclusão e não exclusão? Certamente que há diversos tipos de respostas... Aqui, para além de razões de carácter mais temperamental, referem-se duas perspectivas: uma filosófica, outra teológica (cristã).

A perspectiva filosófica de Ernst Bloch – Este filósofo alemão (1885-1977) escreveu, entre muitas obras, *Das Prinzip Hoffnung* (O Princípio Esperança), no seguimento, aliás, do seu primeiro livro: *Geist der Utopie* (O Espírito da Utopia). Não admira, pois, que tenha influenciado pensadores e teólogos como J. Moltman, J.-B. Metz ou G. Gutierrez.

Filósofo marxista da famosa Escola de Frankfurt (juntamente com Adorno, Horkheimer, Habermas), Ernst Bloch desde cedo se interessa pela nossa insatisfação irreflectida com a vida e de como vivemos através do ciclo nascer, crescer, envelhecer e morrer, as nossas buscas e esperanças. São célebres estas suas frases: «Agito-me. Desde cedo, busca-se algo. Pedindo sempre algo, gritando. Não se tem o que se quer»; «A maioria das pessoas na rua tem o aspecto de quem está sempre pensando em outra coisa».

Essa ‘insatisfação irreflectida’ é qualquer coisa de ôntico, pertencente ao mais profundo do ser humano, o qual sonha acordado, e o sonho diurno inclui o desejo de mudança do mundo: «O conteúdo do sonho noturno está oculto e deformado, o conteúdo da fantasia diurna é aberto, fabulador, antecipador, e o que há nele de latente volta-se para a frente». Nesse sentido, «A verdadeira gênese não se encontra no começo, mas no fim, e ela apenas começará a acontecer quando a sociedade e a existência se tornarem radicais».

Então, um pouco na linha do que escrevia António Gedeão na sua ‘Pedra Filosofal’ – «o sonho comanda a vida / e sempre que um homem sonha / o mundo pula e avança» – o sonho, a utopia, o possível, desencadeiam a esperança, que se torna o verdadeiro

motor da História! Por isso, apesar de marxista, E.Bloch já não crê (como afirmava Karl Marx) na luta de classes como aceleradora dos processos e avanços históricos: é, sim, a esperança!

Afinal, a utopia é o possível, não um sonho irrealizável!

E aqui podíamos até estabelecer um certo paralelo com a perspectiva de S. Tomás de Aquino ao falar da alegria e consequente esperança, as quais habitam a mais profunda realidade e anseio do ser humano, e que a tristeza e a desesperança aniquilam: «A tristeza é, entre todas as paixões, a que mais dano causa ao corpo. Justamente porque a tristeza se opõe à vida humana quanto ao seu movimento (isto é, quanto ao movimento que a alma lhe imprime)» (Suma Teológica I-II,37).

A perspectiva cristã – A crença e esperança na possibilidade de um mundo novo, onde a exclusão estará ultrapassada, radicam-se, fundamentalmente, na fé na ressurreição.

No texto da Bula, o Papa Francisco afirma lapidarmente que a Ressurreição de Jesus é a razão de vivermos ‘ancorados na esperança’. A esperança é Dom de Deus (virtude teologal!) e brota especialmente da ressurreição de Jesus: «Jesus morto e ressuscitado é o coração da nossa fé. S. Paulo, ao enunciar este conteúdo em poucas palavras (usa só quatro verbos), transmite-nos o «núcleo» da nossa esperança. “Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e depois aos Doze” (1 Cor 15,3-5). Cristo morreu, foi sepultado, ressuscitou, apareceu».

De facto, para além do indicar a Jesus como a verdadeira vida – ele é o primogénito de entre os mortos –, do representar a vinda do Espírito Santo sobre os discípulos, do alcance antropológico da vida eterna para todo o ser humano, a ressurreição significa que: 1/ a vontade de Deus é a vida e não a morte; 2/ toda(s) a(s) morte(s) pode(m) ser vencida(s) – apelo ao compromisso transformador.

A Ressurreição de Jesus tem, portanto, um alcance escatológico – «Creio na vida eterna», a vida vencerá a morte –, mas também um alcance bem terreno: a vida pode ir vencendo as ‘mortes’ da nossa existência bem concreta (doenças, injustiças, guerras, divisões,

exclusões, marginalizações, etc). E daí a ESPERANÇA não apenas na felicidade da vida eterna, mas também na possibilidade de ‘novos céus e nova terra’.

Nesse sentido, também, a praxis de inclusão de Jesus – que a ninguém discriminou, que a tudo e todos acolheu (homens e mulheres, velhos e crianças, judeus e estrangeiros, escribas e fariseus, leprosos e doentes de todos os tipos, prostitutas e publicanos, etc) – confirma-nos numa praxis de compromisso transformador da exclusão para a inclusão, com a crença e a esperança da sua possível realização.

Conclusão – Ora, se são possíveis os ‘novos céus e nova terra’, se é possível a fraternidade universal sem excluídos, então há que empenhar-se num compromisso transformador da realidade. De resto, como diz S. Tiago, «a fé sem obras está morta» (Tg 2,17). E daí que o papa Francisco conclua: «Portanto, o próximo Jubileu há-de ser um Ano Santo caracterizado pela esperança que não conhece ocaso, a esperança em Deus. Que nos ajude também a reencontrar a confiança necessária, tanto na Igreja como na sociedade, no relacionamento interpessoal, nas relações internacionais, na promoção da dignidade de cada pessoa e no respeito pela criação. Que o testemunho crente seja fermento de esperança genuína no mundo, anúncio de novos céus e nova terra (cf 2 Ped 3, 13), onde habite a justiça e a harmonia entre os povos, visando a realização da promessa do Senhor».

POBREZA E HORIZONTES DE ESPERANÇA

Eugénia Quaresma

Quero agradecer ao Instituto S. Tomás de Aquino, o amável convite para este ciclo de conferências, pensando no que significa *Celebrar a Esperança* aliada à minha experiência profissional, como Diretora do Secretariado Nacional da Mobilidade Humana - Obra Católica Portuguesa de Migrações. E pareceu-me importante alargar a reflexão não apenas a cada pessoa individualmente ou à sua comunidade de referência (migrantes, refugiados...), mas sim a toda a família humana. Urge celebrar a esperança como família humana.

Há um pequeno vídeo, produzido pela Secção Migrantes e Refugiados, para a campanha de comunicação do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2019, que nos introduz bem na realidade deste nosso mundo¹. E não se trata apenas de migrantes... trata-se da família humana, e da nossa atitude face à realidade que nos circunda, que existe ainda que à distância. Como lembrava o Papa Francisco: «Por conseguinte, não está em jogo apenas a causa dos migrantes; não é só deles que se trata, mas de todos nós, do presente e do futuro da família humana. Os migrantes, especialmente os mais vulneráveis, ajudam-nos a ler os «sinais dos tempos». Através deles, o *Senhor chama-nos a uma conversão, a libertar-nos dos exclusivismos, da indiferença e da cultura do descarte. Através deles, o Senhor convida-nos a reapropriarmos da nossa vida cristã na sua totalidade e contribuir, cada qual segundo a própria vocação, para a construção dum mundo*

1 <https://www.youtube.com/watch?v=VzEHZDQIFzA>

cada vez mais condizente com o projeto de Deus» (Mensagem DMMR 2019).

A palavra do Papa aponta-nos o caminho: trata-se da família humana, da atitude pessoal ou coletiva face a cada circunstância. Trata-se de nos deixarmos converter a Ele: escutar o que Deus quer, o que me pede como cristã(o), como comunidade. É a partir desta verdade que vou procurar interligar com o tema que me foi proposto: *Pobreza e horizontes de esperança*.

DESCALÇA-TE PORQUE O TERRENO QUE PISAS É SAGRADO... (EX 3, 5)

E eu não posso iniciar esta viagem pela pobreza sem ter consciência de que o terreno que piso é sagrado. O terreno que exige delicadeza é a Dignidade Humana.

Para melhor concretizar este pensamento, gostaria de vos convidar a lerem comigo três parágrafos da Declaração publicada pelo Dicastério da Doutrina da Fé: *Dignitas Infinitas* n° 40 - Sobre o sofrimento dos migrantes, e os n°s 41 e 42 sobre o tráfico de pessoas:

O SOFRIMENTO DOS MIGRANTES:

(n° 40) «Os migrantes estão entre as primeiras vítimas das múltiplas formas de pobreza. Não só a sua dignidade é negada nos seus países, mas a sua própria vida é colocada em risco porque não têm mais os meios para formar uma família, para trabalhar ou para nutrir-se. Uma vez que chegam em países que deveriam ser capazes de acolhê-los, «não são considerados dignos o bastante para participar da vida social como qualquer outro, e se esquece que possuem a mesma intrínseca dignidade de toda pessoa [...] Não se dirá jamais que não são humanos, mas na prática, com as decisões e os modos de tratá-los, manifesta-se que são considerados de menor valor, menos importantes, menos humanos». É, portanto, sempre urgente recordar que **«cada migrante é uma pessoa humana que, enquanto tal, possui direitos fundamentais inalienáveis que devem ser respeitados por todos**

em todas as situações». O seu acolhimento é um modo importante e significativo de defender «a inalienável dignidade de toda pessoa humana para além da origem, da cor ou da religião».

O TRÁFICO DE PESSOAS

(nn 41-42) «O tráfico de pessoas humanas deve também ser contado como violação grave da dignidade humana. Não constitui uma novidade, mas o seu desenvolvimento assume dimensões trágicas que estão sob os olhos de todos, razão pela qual Papa Francisco a denunciou em termos particularmente fortes: «reafirmo que o “tráfico de pessoas” é uma atividade indigna, uma vergonha para as nossas sociedades que se dizem civilizadas! Exploradores e clientes em todos os níveis deveriam fazer um sério exame de consciência diante de si mesmos e diante de Deus! A Igreja renova hoje o seu forte apelo para que sejam sempre tuteladas a dignidade e a centralidade de cada pessoa, no respeito dos direitos fundamentais, como a sua Doutrina social evidencia, direitos que ela pede que sejam estendidos realmente lá onde não são reconhecidos a milhões de homens e mulheres em todos os continentes. Num mundo em que se fala tanto de direitos, parece estranho que o único a os ter seja o dinheiro».

Por tais motivos, a Igreja e a humanidade não devem renunciar a lutar contra fenômenos como «comércio de órgãos e tecidos humanos, exploração sexual de crianças, trabalho escravizado, incluída a prostituição, tráfico de drogas e de armas, terrorismo e crime internacional organizado. É tão grande a dimensão dessas situações e o número de vidas inocentes envolvidas, que devemos evitar qualquer tentação de cair em um nominalismo declamatório com efeito tranquilizante sobre as consciências. Devemos cuidar para que as nossas instituições sejam realmente eficazes na luta contra todos esses flagelos». Diante de formas tão diversas e brutais de negação da dignidade humana, é necessário ser sempre mais conscientes que «o tráfico de pessoas é um crime contra a humanidade», que nega substancialmente a dignidade humana de dois modos pelo menos: «o tráfico [de pessoas] deturpa a

humanidade da vítima, ofendendo a sua liberdade e dignidade, mas, ao mesmo tempo, desumaniza quem o pratica».

E diante de realidades tão sombrias e obscuras, convido-vos a (re) ler, o n° 23 da Carta Encíclica *Dilexit nos* – Amou-nos – sobre o amor humano e divino do coração de Jesus:

«Quando alguém reflete, procura ou medita sobre o próprio ser e a sua identidade, ou analisa questões mais elevadas; quando pensa no sentido da própria vida e até mesmo procura a Deus, e ainda quando sente o gosto de ter vislumbrado algo da verdade; todas estas reflexões exigem que se encontre o seu ponto culminante no amor. Amando, a pessoa sente que sabe porquê e para que vive. Assim, tudo converge para um estado de conexão e de harmonia. Por isso, diante do próprio mistério pessoal, talvez a pergunta mais decisiva que se possa fazer seja esta: Tenho coração?»

Eu acredito que todos (as) nós temos coração. Poderá estar mais empedernido, ferido, fechado... mas todos temos coração e temos que cuidar diariamente para não perdermos o coração de carne (cf Ez36,26).

SOMOS CHAMADOS A OLHAR E ESCUTAR O MUNDO

A partir da realidade das pessoas em contexto de mobilidade, cada um(a), ao ler ou ouvir a palavra «migrantes», pode fazer o exercício de substituir a palavra por qualquer outra vulnerabilidade humana, ou social; porque pensar o mundo a partir dos excluídos, dos marginalizados, dos vulneráveis ensina-nos a olhar, escutar e entender o mundo e a compreendê-lo de forma mais abrangente e inclusiva. O nosso planeta Terra é a nossa casa comum... e faz parte de um sistema maior que não conseguimos alcançar em toda a sua plenitude. Procuramos o mistério da criação, mas só apreendemos uma ínfima parte...

Somos chamados a olhar e escutar a Humanidade e reconhecer o que nos une:

Gostaria que lessem comigo a atualidade destas palavras do Papa Paulo VI (*POPULORUM PROGRESSIO* – para o Desenvolvimento dos Povos, n°6): «Ser libertos da miséria, encontrar com mais

segurança a subsistência, a saúde, um emprego estável; ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situação que ofendam a sua dignidade de homens; ter maior instrução; numa palavra, realizar, conhecer e possuir mais, para ser mais: tal é a aspiração dos homens e mulheres de hoje, quando um grande número dentre eles está condenado a viver em condições que tornam ilusório este legítimo desejo. Por outro lado, os povos que ainda há pouco tempo conseguiram a independência nacional, sentem a necessidade de acrescentar a esta liberdade política um crescimento autónomo e digno, tanto social como económico, a fim de garantir aos(às) cidadãos(ãs) o seu pleno desenvolvimento humano e de ocuparem o lugar que lhes pertence no concerto das nações».

E convido-vos igualmente a refletir sobre o número 9 do mesmo documento: *«Ao mesmo tempo, os conflitos sociais propagaram-se em dimensões mundiais. A violenta inquietação que se apoderou das classes pobres, nos países em via de industrialização, atinge agora aqueles cuja economia é quase exclusivamente agrária: também os camponeses tomam consciência da sua imerecida miséria. Junta-se a isto o escândalo de desproporções revoltantes, não só na posse dos bens, mas ainda no exercício do poder. Enquanto, em certas regiões, uma oligarquia goza de civilização requintada, o resto da população, pobre e dispersa, é “privada de quase toda a possibilidade de iniciativa pessoal e de responsabilidade, e muitas vezes colocada, até, em condições de vida e de trabalho indignas da pessoa humana».*

Observo a atualidade deste documento e sinto a urgência de buscar o que nos humaniza. E creio que é por isso que nós e tantos outros procuramos aquilo que nos humaniza.

As artes nas suas múltiplas expressões falam da beleza e complexidade da nossa humanidade; a Carta dos Direitos Humanos fala-nos de reflexão e compromisso. Estou convicta de que a nova cultura humana tem que se basear nesta Declaração Universal, pois ela reconhece a dignidade e a cidadania de todas as pessoas e de todos os povos, desta nossa casa comum, e urge aprendermos a conviver a partir desta VERDADE, com LIBERDADE.

Crentes e não crentes somos capazes de Deus – ao aprender a contemplar Deus na sua criação. E na sua humanidade, descobriremos um caminho, ou vários caminhos, que convergem para uma relação mais fraterna, de amizade social ou cordialidade.

Como Cristãos, como Crentes, e até mesmo como agnósticos, somos capazes de contemplar DEUS na Sua Palavra, tantas vezes referida aos migrantes e marginalizados e com o apelo à nossa hospitalidade. Eis apenas alguns exemplos:

Mt 2,13-23: a fuga para o Egito – a Sagrada família forçada ao exílio, por motivos de perseguição;

Mt 5,3: Bem-aventurados os pobres, porque deles é o Reino dos Céus (mistério que somos convidados a rezar);

Gen.18; Mt.25,35ss; Heb.13,1-2: A revelação da Trindade (respectivamente para o Pai, o Filho e o Espírito santo) como um convite incessante à Hospitalidade.

UM CONVITE INCESSANTE A SAIR E IR AO ENCONTRO

Lc 1, 39-80 – O papa Francisco explica esta passagem bíblica na sua mensagem para 37º Dia Mundial da Juventude 2022/2023: «Depois da Anunciação, Maria teria podido concentrar-se em si mesma, nas preocupações e temores derivados da sua nova condição; mas não! Entrega-se totalmente a Deus! Pensa, antes, em Isabel. Levanta-se e sai para a luz do sol, onde há vida e movimento. Apesar do inquietante anúncio do Anjo ter provocado um *terramoto* nos seus planos, a jovem não se deixa paralisar, porque dentro d'Ela está Jesus, poder de ressurreição. Dentro d'Ela, traz já o Cordeiro Imolado, mas sempre vivo. Levanta-se e põe-se em movimento, porque tem a certeza de que os planos de Deus são o melhor projeto possível para a sua vida. Maria torna-se templo de Deus, imagem da Igreja em caminho, a Igreja que sai e se coloca ao serviço, a Igreja portadora da Boa Nova.»

Quando nos encontramos com Jesus somos capazes de ir ao encontro de quem mais precisa e de alterar os nossos planos.

UM CONVITE INCESSANTE À PROTEÇÃO, ATENÇÃO E CUIDADO

É útil e bom recordar Lev 19, 33-34: «*Não oprimas os estrangeiros que vierem residir na tua terra. Deves tratar esse estrangeiro e amá-lo como um dos teus, pois também vocês foram estrangeiros no Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus!*». E para nos situarmos pessoalmente e progredirmos como cristãos, convido a reler e rezar a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), e também o capítulo II da *Fratelli Tutti* do Papa Francisco.

Creio que ao meditarmos e rezarmos a Palavra de Deus somos mais capazes de testemunhar, de nos indignar, de apontar horizontes de esperança. Da oração bem-feita brota um sentido e um estilo na forma como nos comprometemos com um mundo.

Olhar e escutar a diversidade no mundo para responder às múltiplas questões que enunciarei em seguida:

- Como curar o grande vírus social da desigualdade e refletir em atos a orientação preferencial pelos pobres? Como podemos transformar este mundo, a partir destes horizontes, como concretizar este princípio a partir da perspetiva dos migrantes e dos refugiados?
- Aproximar as pessoas é possível? Acredito?
- Um futuro a construir juntos... como podemos construí-lo?
- Crescer juntos como sociedade... como podemos promover o desenvolvimento do potencial dos migrantes e refugiados?
- Crescer juntos como humanidade... como podemos promover um encontro enriquecedor com os migrantes e refugiados?
- Crescer juntos como Igreja... Como podemos tornar os migrantes e os refugiados mais envolvidos nas nossas comunidades?
- E porque o Futuro é hoje... que decisões devem ser tomadas agora para construir já hoje um futuro inclusivo e melhor para todos?

OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Atentemos nas palavras de Ban Ki-moon (antigo Secretário-Geral das Nações Unidas): *«Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são a nossa visão comum para a Humanidade e um contrato social entre os líderes mundiais e os povos. São uma lista das coisas a fazer em nome dos povos e do planeta e um plano para o sucesso».*

A verdade é que estamos todos a caminho e a aprender como os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) são essenciais; todos os países estão numa fase de desenvolvimento, precisamos de trabalhar a interligação e a dignidade de cada país. Se analisarmos por exemplo o número 16 veremos que muitas das causas das migrações, nomeadamente as migrações forçadas, poderiam reduzir-se drasticamente através de: promover sociedades justas, pacíficas e inclusivas; reduzir significativamente todas as formas de violência; erradicar o abuso, a exploração e o tráfico e todas as formas de violência e tortura de crianças; promover o estado de direito nos níveis nacional e internacional; garantir a igualdade de acesso à justiça para todos.

O Pacto Global para as migrações regulares ordenadas e seguras e o pacto global para os refugiados, surgem do reconhecimento de que nenhum país consegue responder aos desafios da mobilidade humana isoladamente, as migrações têm que ser enfrentadas de forma conjunta e interligada, a proteção aos refugiados é um dever de solidariedade global. Ao nível nacional não podemos esquecer que estamos na União Europeia que também tem o seu plano para gerir as migrações, precisamos cultivar um outro olhar sobre a nossa relação com os países africanos.

O trabalho da Igreja, no âmbito das migrações é vasto, atravessa séculos, e inspirando-se nas boas práticas de todo o mundo, o Papa Francisco ousou sintetizá-lo em quatro verbos (e pediu às Conferências Episcopais que divulgassem 20 pontos de ação pastoral para com a população migrante e refugiada):

Acolher – Aumentar as vias legais e seguras para os migrantes e refugiados;

Proteger – Defender os direitos e a dignidade dos migrantes, refugiados, menores não acompanhados, vítimas de tráfico de seres humanos e exploração;

Promover – Favorecer o desenvolvimento humano integral;

Integrar/incluir - enriquecer as comunidades locais por meio de uma maior participação de migrantes e de refugiados.

PEREGRINOS DE ESPERANÇA - OS MIGRANTES SÃO O ÍCONE DA IGREJA PEREGRINA

«Ao homem que sofre, Deus não dá um raciocínio que explique tudo, mas oferece a sua resposta sob forma de uma presença que o acompanha, numa história de bem que se une a cada história de sofrimento para nela abrir uma brecha de luz» (Lumen Fidei, 57)

Recuo alguns anos atrás, para compreendermos algumas das iniciativas tomadas pelo Papa Francisco, a partir da experiência coletiva do que foi a pandemia, e a partir daquela imagem fortíssima de um homem solitário na Praça de S. Pedro, onde nos sentimos todos unidos, e então entendemos bem que estamos todos no mesmo barco: «Só podemos sair desta situação juntos, enquanto humanidade inteira»!

A certeza fortalecida da nossa interligação, inspirou ao Santo Padre caminhos de esperança assentes em 4 pilares: Ecologia, Economia, Saúde, Segurança – pilares em que os migrantes e refugiados se constituem como verdadeira pedra angular. E a acompanhar estes pilares recordo os documentos que o Papa Francisco foi escrevendo (encíclicas e exortações, mensagens...):

Sobre a Ecologia – *Laudato Si* (2015) e *Querida Amazônia* (2020)

Sobre a Economia – *Christus vivit* (2019) *Economia de Francisco* (2019)

Sobre a Saúde – *Boletins COVID-19* (2020-22) e a *Comissão Vaticana COVID 19* (2020)

Sobre a Segurança – *Mensagens anuais do Dia Mundial da Paz*

Sobre Migrantes e Refugiados – *Mensagens DMMR desde 1914 e Fratelli Tutti* (2020)

Conclusão

Uma pobreza só nos enriquece se no outro virmos o próprio Cristo, a quem queremos servir, e nesse sentido em cada rosto escutarmos uma história, reconhecermos alguém que nos faz olhar para além das estatísticas. E concluo sistematizando a resposta da pastoral intercultural a partir de sete desafios muito concretos:

DESAFIOS	RESPOSTAS PASTORAIS
Percepções negativas, medo e reações intolerantes e xenófobas	Reconhecer e vencer o medo
Comunidades católicas mal preparadas para acolher; Dificuldades de integração e criação de guetos	Promover o encontro
Incapacidade das comunidades de escutar os migrantes e suas necessidades	Escutar e ter compaixão
Uniformidade pré-estabelecida e retórica nacionalista em certas comunidades católicas	Viver a nossa catolicidade
A presença de migrantes católicos não é vista como ocasião para revitalizar a vida eclesial	Reconhecer os migrantes como uma bênção
Presença de migrantes não católicos, encarada como ameaça à identidade religiosa e cultural estabelecida	Cumprir a missão Evangelizadora
Muitos programas de assistência por diferentes entidades, mas de forma descoordenada	Cooperar com vista à comunhão

DE FINIBUS CIVITATIS: ESCATOLOGIA EM SANTO AGOSTINHO. UMA LEITURA DOS LIVROS XIX-XXII DO *DE CIVITATE DEI*.

Fr. Geraldo Selelo, op

Aurelius Augustinus (354-430), habitualmente conhecido como Santo Agostinho ou Agostinho de Hipona, «é o único padre da Igreja a quem continua a ser reconhecida autoridade espiritual até aos nossos dias. Pagãos e cristãos, filósofos e teólogos, sem distinção de correntes e confissões, todos se ocupam dos seus escritos e todos se confrontam com a sua pessoa».¹

Com as suas obras e com o seu ministério pastoral, contribuiu fortemente para o desenvolvimento da doutrina da Igreja, particularmente através da sua ‘opera magna’, *De Civitate Dei*, em que procura responder às grandes questões da humanidade, não só às da sua época, como também às dos dias de hoje, sobre a existência, sobre o sentido da história, sobre o bem e o mal. Questões estas que só encontram a sua verdadeira resposta e sentido em Deus, não só por meio da razão, mas sobretudo por meio da fé em Jesus Cristo – caminho por onde se vai até Deus.

Esta presente reflexão é a conclusão da Dissertação final de Mestrado Integrado em Teologia, na Universidade Católica Portuguesa, que versou sobre o tema «*De Finibus Civitatis: Escatologia em Santo Agostinho. Uma leitura dos livros XIX-XXII do De Civitate Dei*», com o objetivo de nele buscar luzes de sentidos da vida presente e linhas de forças da reflexão agostiniana para o caminho do ser humano em direção à eternidade. E porque a

1 Hans Küng, *Os grandes pensadores do Cristianismo*. Tradução de Teresa Martinho (Lisboa: Editorial Presença, 1999), 71.

escatologia parece ser hoje um assunto arredado da pregação e até do vocábulo cristão, com este trabalho pretendeu-se revisitar esta tradição bíblico-patristica no sentido de apelar a um certo regresso à doutrina escatológica e no sentido de recuperar a sua dimensão central e transformadora da fé cristã.

Assim, concluiu-se que a reflexão sobre a escatologia agostiniana a partir do *De Civitate Dei* nos revela a profundidade e a abrangência do pensamento do Bispo de Hipona e o seu legado duradouro.

A cidade de Deus em oposição à cidade terrena, representa todas as pessoas de boa-fé orientadas pelo *amor Dei*, por isso, não veem nesta vida o seu fim último, mas o meio pelo qual podem alcançar aquela vida que não tem fim, naquela cidade de que as Escrituras Sagradas dão testemunho: «o seu Reino que não terá fim» (Lc 1, 33). Enquanto os cidadãos do mundo secular colocam o bem supremo nesta vida – no prazer, na tranquilidade, na boa saúde do corpo e da mente, sobre os quais os indivíduos sobrepõem uma vida de virtude razoável –, os cristãos acreditam que o bem supremo está na cidade que é de Deus, onde esperam alcançar a vida e os bens eternos, transcendendo completamente esta ordem terrena onde nenhum bem pode satisfazer o coração humano. Neste sentido, a cidade dos Homens é frágil e a cidade de Deus não. Por isso, vale a pena construir a *civitas terrena* à imagem da *civitas Dei* que é inabalável, pois, conforme nos asseguram as Sagradas Escrituras, o seu reino não perecerá.

Esse futuro reino que não terá fim, a vida eterna em paz, constitui o centro da esperança cristã. E, apesar de a vida terrena ser marcada pelo pecado, por realidades efémeras, Santo Agostinho ensina-nos que ela é uma etapa necessária na jornada do ser humano em direção à vida celeste. Nesta existência temporária, o ser humano deve buscar a graça divina, cultivar a fé e a esperança e superar o conflito interior entre as forças do material e do espiritual. Essa luta constante é, em última instância, uma preparação para a futura vida, na qual encontrará a plenitude, a eternidade e a comunhão perfeita com Deus. Assim, a vida terrena, com todos os seus desafios e limitações, adquire um significado transcendente, na

medida em que passa a ser vista como um caminho que conduz o ser humano à realização final da sua natureza original, mais ainda, à *medida da plenitude de Cristo* (cf. Ef 4, 13).

Esta perspectiva assim exposta, carregada de otimismo escatológico, é uma força motriz para o cristão que vive o presente tempo em função da fé, como peregrino, sabendo que o seu destino não é o mundo presente, mas a cidade de Deus, a morada eterna com o Criador. Não há outro fim que não seja Deus – *Deus est finis sine fine* – Ele é o autor e o cume da história. N'Ele tudo tem o começo e n'Ele tudo tem o fim. Assim sendo, nada temos que temer nesta cidade e nesta presente vida temporal, pois, tudo quanto faz parte dela, seja a paz, a felicidade, as alegrias ou os sofrimentos – pequenos ou grandes – é passageiro. Deus é o fim da história e o fim da humanidade peregrina.

Agostinho, ao interpretar a escatologia no contexto da dinâmica e da responsabilidade humanas, isto é, com a participação e colaboração humana nesse processo de salvação, mostra que o futuro escatológico não é apenas um evento passivo. Pelo contrário, determina o modo como vivemos o presente e, como seres inquietos à procura da verdade absoluta, nessa via em direção ao definitivo, somos convocados a uma postura de vigilância e compromisso com o Evangelho, entendendo que cada ato humano é parte de um caminho de preparação para o encontro definitivo com Deus. Assim, o *De Civitate Dei*, longe de ser um livro sobre a *fuga mundi*, é antes um livro cujo tema recorrente é o nosso negócio dentro desta vida mortal, sobre como viver ou ser sobrenatural no mundo, isto é, como viver «já» o «ainda não» nesta vida caduca.

A escatologia cristã é, assim, um convite a todos os cidadãos da cidade terrena para que – a exemplo dos cidadãos da cidade celeste que passam pelo mundo sem se deixar perturbar pelos que amam o mundo e nele querem ficar, mas queiram ou não, são forçados a deixá-lo – possam também abandonar o *amor sui* e passem a viver em função do *amor Dei* e permanecer nessa relação de amor até à *parúsia* de Cristo que traz consigo o juízo divino. Nesse dia, cada um será avaliado, pesado pelo bem que fez e, aquele que pesar boas obras, porque viveu segundo o *amor*

Dei, «será tomado» pelo Senhor que o levará consigo na glória de Deus Pai, na eternidade, onde gozará da felicidade eterna; e aquele que pesar más obras, porque viveu de acordo com a sua própria vontade *amor sui*, «será deixado» para a Geena onde sofrerá grandes desgostos e haverá choro e ranger de dentes (cf. Mt 24, 40).

Olhando para a Tradição da Igreja e para o Magistério da Igreja, vemos que mantêm os vários aspetos da escatologia: a antropologia dual da pessoa humana, constituída de corpo e alma; a certeza de que a vida humana não se esgota com a morte, pois Deus nos chama para a Vida Eterna; a denúncia de que o pecado destrói o ser humano, mas este é remido por Cristo Salvador; o espinhoso tema do Juízo de Deus sobre as pessoas e o mundo; a certa distinção entre os novíssimos pessoais (juízo particular, céu, purgatório, inferno) e os coletivos (*parúsia*, juízo final, ressurreição dos mortos, nova criação). Diante de tais aspetos últimos, definitivos, novíssimos ou escatológicos, o II Concílio do Vaticano reconhece que no ser humano existe um germe de eternidade, irreduzível à pura matéria, insurgindo-se contra a morte, isto é, o desejo de viver sempre. E diz: «É em face da morte que o enigma da condição humana mais se densa. Não é só a dor e a progressiva dissolução do corpo que atormentam o homem, mas também, e ainda mais, o temor de que tudo acabe para sempre» (GS 18, in AAS 58 [1966]).

Deste modo, enquanto os temas escatológicos – morte, purgatório, céu, inferno, juízo, ressurreição – continuarem a ser deliberadamente evitados pelo seu incómodo caráter, preferindo-se sobre eles guardar silêncio, as perguntas sobre o sentido da existência, o enigma da incompreensibilidade da morte, a vida para além da morte hão de permanecer e serão recorrentes no seio da história da humanidade. Nesta perspetiva, os próprios crentes, no seu percurso catequético, correm o risco de ficarem privados de uma adequada compreensão da esperança cristã. E neste sentido, «a reflexão crente e, sobretudo, as propostas pastorais e

catequéticas caminharam, progressivamente, para a marginalização ou o mutismo sobre os temas escatológicos».²

Como contributo teológico-pastoral para reverter esta tendência, consideramos ter mostrado a utilidade de revisitar uma fonte patrística referencial. Não querendo nem podendo abordar toda a obra agostiniana, fixámo-nos sobretudo nos livros XIX-XXII, do *De Civitate Dei*, devido à centralidade do tema nesses livros. Efetivamente, encontrámos nestes uma ampla reflexão sobre os *fins das cidades* ou dos dois tipos de sociedades que caminham misticamente juntas até ao último dia do juízo divino que define qual será o fim de cada sociedade ou cidadão. Tanto é que, o nosso trabalho vem à tona com intuito de propor um certo regresso – teológico-pastoral – às fontes patrísticas, particularmente em Agostinho de Hipona, esta grande referência da igreja ocidental, no sentido de resgatar e reavivar para o campus da práxis teológica e também espiritual a linguagem escatológica, pois é preciso lembrar às pessoas crentes e não só que a vida não é só esta que «desaparece» com a morte, existe uma outra Vida melhor que a presente e é por ela que se deve lutar. A vida não acaba com a morte e isso não é uma especulação, pois a escatologia cristã garante-nos uma vida melhor, livre de todo o tipo de sofrimento terreno. A morte é o sono que nos desperta para uma realidade completamente diferente.

Uma vez analisada esta fonte patrística que nos propomos revisitar e olhando para esta marginalização de temas escatológicos no campus teológico-pastoral (pregações, homilias e catequeses), o pastor de Hipona fornece-nos uma compreensão da escatologia que é profundamente consoladora e ao mesmo tempo desafiadora para os cristãos. O seu contributo orienta a esperança cristã para a paz eterna com Deus, estimula a fidelidade ao bem e à virtude, reforça a importância da responsabilidade moral e oferece uma visão concreta do destino eterno dos fiéis. Para a teologia pastoral, o pensamento do Hiponense representa uma fonte valiosa de

2 Santiago del Cura Elena, «Vida eterna: la esperanza del “cielo” en nuestro horizonte cultural e religioso». Burgense: *Collectanea Scientifica*, 46, nº 1 (2005) 15.

reflexão e inspiração, que ajuda os cristãos a encontrar sentido e propósito nas suas vidas e a nutrir uma esperança confiante no amor e na justiça divina. Esta contribuição assim vista, transcende a especulação teológica e traduz-se numa pastoral que guia, consola e fortalece o povo cristão na sua *peregrinatio* (jornada de fé).

Deste modo, Agostinho estabelece uma reflexão teológico-pastoral onde o fiel é orientado a ver a vida presente como uma preparação para o encontro definitivo com Deus; convida a comunidade cristã a perseverar na fé e nas virtudes, a buscar a paz eterna e a viver com esperança no triunfo final do bem e da justiça divina. Portanto, a descrição de Agostinho sobre o purgatório, sobre o juízo final e sobre a pena dos ímpios não é simplesmente uma ameaça, mas um convite à reflexão sobre o verdadeiro valor da comunhão com Deus. Nesta reflexão, os cristãos são convidados a viver de forma a fortalecer os seus laços com Deus, valorizando a vida eterna e abandonando os apegos terrenos que os afastam da santidade.

A nossa intenção, que tende a um certo apelo ao regresso aos temas escatológicos nos programas pastorais, nas catequese e pregações ou homilias, não é certamente uma ilusão, mas um contributo ou voto positivo à renovação teológica em matéria de escatologia operada ao longo do século XX, com este mesmo apelo: a não aceitação da marginalização de temas escatológicos no campus pastoral ou, mais ainda, no seio da reflexão da Igreja – o que pode constituir um perigo para o tema da esperança da escatologia cristã. Diante desse afastamento, senão mesmo abandono da linguagem escatológica nas propostas pastorais, precisamos traduzir em linguagens existencialmente significativas e implicativas os conteúdos escatológicos da esperança cristã, tanto ao nível da pastoral, da pregação como da catequese, e isso constitui um dos mais urgentes desafios na vida atual da Igreja.

Hoje, na verdade, enfrentamos uma realidade diferente em relação à época de Agostinho. Ele vivia num tempo onde ainda a expectativa escatológica era palpável e os cristãos estavam atentos e dispostos a refletir questões sobre o fim dos tempos e sobre o destino eterno da humanidade – basta pensarmos no alvoroço

causado pelo milenarismo, ainda até bem pouco tempo (entre os anos 500 e 600; 1000 e 2000). Nós hoje defrontamos uma realidade onde o imediato, o material e o visível parecem dominar o horizonte humano. Neste sentido, a pregação pastoral precisa reinterpretar e reapresentar a escatologia de modo a dialogar com as inquietudes contemporâneas, como por exemplo, buscar e procurar entender os «sinais dos tempos» e, a partir destes, comunicar e expor ao mundo que a esperança cristã não se restringe numa promessa futura vaga, mas numa realidade presente que orienta e transforma a vida aqui e agora.

A *peregrinatio* dos membros da cidade de Deus, que vivem da fé e da esperança no *amor Dei*, como demonstramos, é um claro exemplo a ser exposto e cultivado na práxis pastoral, especialmente em tempos de incertezas e crises existenciais. Ao colocarmos a esperança escatológica no centro da nossa ação pastoral, de certeza, estaremos a recuperar o verdadeiro sentido do cristão: alguém que reside em sua própria pátria, mas como estrangeiro que tudo cumpre; um *homo viator* ou um inquieto à procura de repouso; um *capax Dei*; enfim, um peregrino em caminho. Por isso, todo o esforço da evangelização e catequese deve apontar para a meta final: a consumação da identidade pessoal diante de Deus.

Em conclusão, ao pretendermos integrar a perspectiva da escatologia agostiniana na práxis pastoral contemporânea, queremos mostrar que os eventos escatológicos são mais do que simples doutrinas teológicas; são, antes de tudo, fundamentos da esperança cristã que moldam e orientam a vida presente. Os temas escatológicos – como a morte, o purgatório, o juízo final, a ressurreição dos corpos, e felicidade e a paz eternas – oferecem-nos uma visão coesa e rica da vida cristã como uma peregrinação que encontra o seu fim na plenitude divina. Portanto, a nossa intuição de resgatar estes temas, pode revitalizar a pregação e a prática cristã, mostrando que o caminho da fé é, desde já, um caminho de preparação para a *Visio Dei* e a plena comunhão com Deus, que governa a história e a leva ao seu cumprimento último.

Desta forma, a escatologia agostiniana revela-se como um farol para a pastoral atual, orientando a reflexão teológico-pastoral

para uma visão integral do ser humano e do seu destino último, fundamentada na onnipotência e no amor de Deus. Este é o desafio e, ao mesmo tempo, o convite para que a pastoral contemple, ensine e celebre já a certeza da felicidade eterna que nos espera na cidade de Deus.

Em suma, Agostinho lembra-nos que a escatologia não é apenas um «fim», mas uma esperança viva que nos impele a agir com caridade, justiça e paciência, pois, cada passo dado no presente é parte de sentido para a história que nos cabe viver e da preparação do encontro com Deus. Por isso, a pastoral deve ensinar e testemunhar que, apesar dos desafios do presente século a história tem um sentido último e um fim glorioso. Além do mais, o credo escatológico dá-nos a certeza de que a palavra definitiva não está na ruína, apesar da dor, nem na morte, apesar das guerras e catástrofes. O povo que vive da fé e orientado pelo *amor Dei*, não vê nesta vida o seu fim último, mas o meio pelo qual pode alcançar aquela vida que não tem fim, naquela cidade de que as Escrituras Sagradas dão testemunho: «o seu Reino que não terá fim» (Lc 1, 33). Nesse Reino, quando lá chegarmos, o autor da vida será a Vida das nossas vidas. Eis a nossa esperança!

PARÓQUIA COMO LUGAR DE (RE)ENCONTRO

Fr. Pedro Mangana, op

O desafio prioritário da paróquia tem sido, portanto, a passagem de uma pastoral de conservação a uma de missão: para dialogar com crentes e não crentes; acolher a todos, a partir dos últimos; interagir com outras entidades e instituições presentes no território; dialogar com as outras fés; tornar tangível, num lugar, a presença e a mensagem do ressuscitado¹

INTRODUÇÃO

Tanto o conceito de espaço como o de lugar, têm sido bastante trabalhados nos últimos tempos, tendo a redefinição de lugar emergido perante o avassalador processo de globalização, que é acentuado e acelerado a cada dia. Todas estas transformações que se sentem atualmente, resultantes deste processo de globalização, «refletem-se na nossa relação com o espaço, o tempo e os *outros*».²

Ao vivermos esta nova conjuntura espaço-temporal, marcada pelas novas tecnologias, Giddens define esta globalização como «a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de

1 Piero Coda, *Parrocchia*, in Piero Coda–Giovanni Filoramo Il cristianesimo. Grande dizionario, II, (Torino: UTET, 2006), 568.

2 Maria Teresa Salgueiro de Vasconcelos e Sá, «Lugares e não-lugares em Marc Augé» *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 28, 209.

distância e vice-versa».³ Assim, com esta globalização, há uma maior mobilidade, uma maior heterogeneidade e a «cidade e as metrópoles são lugares de circulação, migração e comunicação».⁴

De acordo com Marc Augé, os lugares podem definir-se como identitários, relacionais e históricos. Nascer é nascer num lugar, é ter uma residência fixa, em que o lugar de nascimento é constitutivo de identidade individual, ao mesmo tempo que num mesmo lugar podem coexistir elementos diferentes, distintos e singulares, com os quais partilhamos o lugar e com eles estabelecemos relações de partilha. Por fim é histórico, uma vez que conta a história de um povo, os que aí vivem podem reconhecer pontos de referência que não têm de ser objetos de conhecimento.⁵

Argumentando que “a antropologia sempre foi uma antropologia do aqui e do agora”⁶, Marc Augé propõe uma antropologia da supermodernidade, onde “o agora” diz respeito ao contato direto do etnólogo com aquilo que observa com fins descritivos no mesmo momento em que o objeto da observação se desenvolve (tempo presente), sendo «o etnólogo contemporâneo da enunciação e do enunciante».⁷

Ao passo que a pós-modernidade vai sendo marcada cada vez mais pela exasperação do individualismo, os não-lugares tornam-se a expressão modelar desse tempo. É por isso que Augé se centra nos não lugares, tentando explicar como certos espaços nos conseguem transformar em “outros”, sendo que, esses espaços são contruídos de forma que seja possível «fazer cada vez mais coisas em menos tempo»⁸. Verificamos, desta forma, uma busca constante, em Augé, para conseguir identificar em que medida os

3 Anthony Giddens. *As consequências da modernidade*, (Oeiras: Celta Editora, 2002^a) 69.

4 Freitas, *Colégio de paróquias*, 69.

5 Cf. Marc Augé. *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*. (Lisboa: Letra Livre, 2022), 50.

6 Augé, 14.

7 Augé, 15.

8 Marc Augé. *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*, 57.

não lugares conseguem incitar uma perda de nós mesmos, enquanto grupo, predominando o ser humano solitário.

Por sua vez, «o lugar é antropológico, impalpável e subjetivo»,⁹ uma vez que é «no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões».¹⁰ O lugar está ligado à noção de tempo, onde as ações humanas acontecem e ganham significado e «a organização do espaço e a constituição de lugares são, no interior do mesmo grupo social, um dos estímulos e uma das práticas coletivas e individuais»,¹¹ ou seja, todas as vivências culturais, sociais e simbólicas do cotidiano do humano, sejam individuais ou coletivas, manifestam-se neste palco.

PARÓQUIA COMO LUGAR ANTROPOLÓGICO

Na nossa sociedade, muitos dos espaços em que nos movemos são lugares em que não criamos relações e, com muitos, simplesmente não nos identificamos: passamos por eles, usufruímos deles, mas com eles não estabelecemos nenhuma identidade, são lugares para clientes, passageiros, usuários, ouvintes, e aquilo que os caracteriza não é serem lugares onde alguém adquire identidade social, mas são lugares de anonimato.¹² «São uma componente de existência social, reconhecível em diversas circunstâncias, ainda que não sob uma forma pura [...] os não-lugares transformam as pessoas em espectadores de um espaço codificado do qual ninguém faz parte».¹³ Desta forma, os não lugares não se podem definir como identitários, relacionais, nem históricos, mas sim espaços de solidão e semelhança.¹⁴

9 Ulisses Maciel, *Não-lugares: Um olhar sobre as metrópoles contemporâneas* (São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015), 40.

10 Ana Fani Alessandri Carlos, *O lugar no/do mundo* (São Paulo: FFLCH, 2007), 17.

11 Marc Augé. *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*, 48.

12 Cf. José Cristo R. G. Paredes. *É possível outra comunidade, sob a liderança do espírito* (Prior Velho: Paulinas editora, 2018), 35.

13 Freitas, *Colégio de paróquias. A paróquia em tempos de mobilidade*. (Prior velho: Paulinas Editora, 2018), 47

14 Freitas, 47.

Por seu turno, o etnólogo Marc Augé, contrapondo os não lugares, fala-nos do lugar antropológico,¹⁵ ou seja, precisamente o inverso, definindo-o como um espaço de construção da vida social, onde a pessoa pode «viver em relação e em sociedade, para gerar história, para se viver verdadeiramente para o encontro».¹⁶ Cada ser humano liga-se a determinados lugares e reconhece-os como fazendo parte da sua história de vida: o lugar onde nasceu, o lugar onde trabalha ou o lugar onde mora. É a partir de um lugar que falamos e que somos ouvidos; que respeitamos e somos respeitados; que nos sentimos incluídos ou à margem, ou seja, que criamos relação.¹⁷

Assim, toda a edificação histórica do cristianismo «passou também por uma certa ecologia, uma forma de transformar o espaço em lugar antropológico».¹⁸ Devido a todas as modificações provocadas pela industrialização e pela globalização, e para ir ao encontro e conseguir enquadrar e aproximar os crentes, também a Igreja católica reagiu. Para além de se multiplicarem as paróquias dentro da cidade, de se erguerem novas formas de inscrição institucional no espaço, como a edificação de colégios, universidades, hospitais e respetivas capelanias, a Igreja autorizou a constituição de redes de associativismo confessional e de movimentos eclesiais que se adaptavam melhor ao princípio de mobilidade das sociedades modernas.¹⁹

O texto, elaborado pela Congregação para o Clero, afirma ainda, que «a rapidez das alterações, a mudança dos modelos culturais, a facilidade para as deslocações e a velocidade da comunicação estão

15 Marc Augé. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*.41.

16 Paredes, 35.

17 Cf. J. Vilhena. «Da cidade onde vivemos a uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade». *Pulsional: Revista de Psicanálise*, XV (163), (2002), 48-54.

18 Alfredo Teixeira. «A paróquia como «lugar»: estilos de vida paroquial». (cadernos ISTA, Instituto São Tomás de Aquino, n.º 34, 2017, Ano XXII), 33.

19 Cf. Teixeira, 33.

a transformar a percepção do espaço e do tempo».²⁰ Contudo, e como fomos habituados pelo Concílio Vaticano II,

a “cultura do encontro” é o contexto que promove o diálogo, a solidariedade e a abertura a todos, fazendo emergir a centralidade da pessoa» é necessário «que a paróquia seja um “lugar” [antropológico] que favorece o estar juntos e o crescimento das relações pessoais duradoras, que consintam a cada um de perceber o sentido de pertença».²¹

Diz-nos Yves Congar que «chega-se ao ponto de certos textos distinguirem entre “a Igreja” e os homens, quase que os opondo, como a instituição medianeira e aqueles em favor dos quais essa instituição funciona»,²² o que nos leva a deduzir que se pensa na Igreja apenas como instituição, esquecendo-se de que a Igreja «foi e é ainda concebida independentemente dos homens [e mulheres], como se ela não fosse constituída pelos cristãos».²³

É importante continuar a transformar as nossas comunidades paroquiais em lugares de relação, «uma vez que a Igreja não é somente instituição, conjunto de meios objetivos de graça, mas que ela é feita de homens que Deus chama e que respondem a este apelo»²⁴. Deve continuar a ser um lugar de proximidade e acolhimento, pois a paróquia tem sido um fator fundamental da constituição do tecido social local, através dos laços de solidariedade que sempre soube gerar, em muitos lugares.²⁵

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco convoca toda a Igreja para que consiga superar o seu comodismo e fechamento sobre si própria e ser uma Igreja “em saída” (Cf. EG 20). Nas suas palavras, o Sumo Pontífice é claro e conciso, «sair em direção dos afastados, dos excluídos [...] sair em direção às

20 Congregação para o Clero. 8.

21 Congregação para o clero, 25.

22 Yves Congar, *Esta Igreja que eu amo*. (Lisboa: União gráfica, 1969), 24.

23 Congar, 24

24 Congar, 14.

25 Cf. Corti Renato e Enzo Bianchi. *A Paróquia*. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2006), 64.

periferias humanas» (EG 46). Uma Igreja fechada sobre si própria, dentro dos seus muros e dogmas, na visão do bispo de Roma, não corresponde às exigências do Evangelho.

O Papa Francisco deseja, assim, que a Igreja, seguindo o molde de uma relação eclesial “aberta”, a todos dê «a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus, que opera misericordiosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas» (EG 43). Não obstante, só será possível se a Igreja reconhecer que jamais poderá optar por uma postura autodefensiva ou refugiar-se nas próprias seguranças (cf. EG 45).

«Na Igreja, há lugar para todos»,²⁶ diz-nos o Papa Francisco, deve ser uma Igreja que se ergue em pé, não se dobrando em si mesma, uma Igreja sem correntes nem muros, onde todos e todas se devem sentir acolhidos e acolhidas, onde se cultiva a arte do diálogo, da escuta, da participação e não nos tornarmos numa Igreja de portas abertas, mas para despedir, para apontar o dedo ou condenar as pessoas.²⁷

Esta deve ser, também, a paróquia lugar antropológico, onde «a hospitalidade vive deste profundo encontro entre dois corpos, a partir do momento em que o acolhimento revela a prévia e necessária disponibilidade interior».²⁸

Desta perspetiva – segundo a qual devemos pensar cada vez mais a Igreja como uma casa e a paróquia como extensão da Igreja doméstica, onde a vida se renova –, é preciso promover uma espiritualidade da comunhão, da relação, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o Homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades (Cf. NMI, 43).

26 Homilia do Papa Francisco na basílica de São Pedro, quarta-feira, 29 de junho de 2022. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220629-omelia-pallio.html>

27 Cf. Homilia do Papa Francisco na basílica de São Pedro, quarta-feira, 29 de junho de 2022.

28 Freitas, *Colégio de paróquias*. 342.

Esta Espiritualidade significa, também, a capacidade de nos perguntarmos «que fizeste ao teu irmão?» (Cf. Gn 4, 10), de ter o «olhar do coração voltado para o mistério da trindade, que habita em nós e cuja luz há-de ser percebida no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor» (NMI 43). Significa, ao mesmo tempo, a capacidade de sentir este irmão, como “um que faz parte de mim”, ver o que há de mais positivo nele, acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus, é o saber “criar espaço” para os irmãos e irmãs, levando «os fardos uns dos outros» (Gal 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes (Cf. NMI 43).

A paróquia deve ser, ainda, encarada como um lugar de encontro, um encontro com Deus, intermediado pelo encontro com os irmãos e as irmãs que vivem ao nosso lado, que também têm nome, um passado, uma história, desejos, alegrias, tristezas e um desejo de serem acolhidos, «homens que se abrem ao chamamento de Deus, de cristãos que vivem a relação religiosa com Deus a que são introduzidos por uma fé de amor»²⁹. Um lugar onde impera a ternura, onde caminhamos lado a lado, um espaço de maior proximidade relacional, criando uma *koinonia* entre os fiéis, uma vez que não são desconhecidos, mas próximos e vivam o *agapé*. «Somente nesta forma de comunhão, a comunidade eclesial pode expressar na sua ação pastoral a riqueza do amor recebido e que tem a missão de oferecer como dom (no anúncio, na celebração, no serviço)» (NMI 43).

PARÓQUIA COMO LUGAR TEOLÓGICO

Cristo, ao agir na Igreja, associa-a a Si, que é o Seu corpo, tanto para o culto prestado a Deus como para a obra de santificação do ser humano. A presença atuante e vivificante de Cristo na Igreja, manifesta-se na certeza de que, por Cristo, com Cristo e em Cristo, celebramos a Aliança. A constituição Conciliar *Sacrosantum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia sublinha o carácter de presença especial de Cristo na ação litúrgica e afirma, no número 7, que

29 Congar, *Esta Igreja que eu amo*, 25.

«Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas». Especial, não significa exclusivamente! Cristo está presente em muitas outras realidades, como por exemplo no marginalizado, no pobre, no nosso próximo. Não constava “no plano” de Cristo abandonar a Sua Igreja, nem mesmo depois da Sua glorificação corporal. Cristo continua presente através do seu Corpo, não físico, mas místico, que é a Igreja. O próprio Senhor, já glorificado, continua a falar e agir no mundo, «o mediador único entre Deus e os Homens, o Homem Jesus, Verbo encarnado, continua realizando a santificação do género humano e o culto ao Pai através do Seu Corpo Místico que é a Igreja, na qual subsiste a sua unção sacerdotal»³⁰. Instituiu, assim, um sacerdócio visível, representante de Cristo cabeça da Igreja, para conservar viva e atuante a sua salvação entre o ser humano. A Liturgia é o exercício do sacerdócio de Cristo, pelo qual Ele se mantém na Igreja.

A paróquia, enquanto célula viva da Igreja particular, deve ser este lugar onde Jesus se faz presente. «Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo», diziamos o Papa S. João Paulo II no número 43 da carta Apostólica, *Novo Millennio Ineunte*.

Os primeiros cristãos viviam da lembrança da presença real e temporária de Cristo durante a sua encarnação, bem como da espera da presença real e definitiva de Cristo a partir da sua segunda vinda, que marcará o evento do mundo futuro. Contudo, não vivemos apenas desta recordação e desta esperança, Cristo é um ausente presente, tanto pelo Espírito que reside na Igreja e nos fiéis, como na Eucaristia.

Não devemos procurar e encontrar Deus somente em experiências místicas, por mais edificantes e consoladoras que sejam. Uma vez criados à imagem e semelhança de Deus, é então necessário “sair” de nós mesmos para irmos ao encontro de Deus e dos outros, pois «não há outro meio de descobrirmos quem somos

30 Martin J. Lopez, *En el Espíritu y la verdad. Introducción teológica a la liturgia* (Salamanca: Secretariado Trinitario, 1993), 127.

senão descobrindo em nós a imagem divina,³¹ e tornarmo-nos seres humanos novos em Cristo, uma vez que o apreendemos pelo amor que se identifica, dentro de nós, com o amor que Ele tem por nós. Aquilo que, na visão beatífica, será plenamente realizado, realiza-se de modo incoativo, na contemplação, desde já na vida presente.³² Desta forma, é na realidade, no dia a dia, na relação quotidiana que nos abrimos ao Verbo da Vida e somos chamados à comunhão com todos e todas na cidade.

O amor é o culminar de toda a vida cristã. Se a esperança é abrir-se a Deus e a fé aproximar-se das coisas esperadas, amar é viver as realidades da fé e da esperança: a caridade tudo crê, tudo espera (Cf. 1ª Cor 13,7). É desta forma que o amor é o cumprimento de todas as coisas. «Que todos sejam um; como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós» (Jo 17,21).

Assim, a paróquia é então vista como um lugar teológico, um lugar onde Deus se faz presente, um lugar existencial que permite que Deus se manifeste de modo específico e misericordioso para a condição humana.

CONCLUSÃO

Nos dias de hoje, nesta “nova sociedade”, onde o consumismo impera, onde o tempo é escasso, onde parece já não haver espaço para Deus, para a vivência da fé, onde, nas cidades, os seus habitantes das mesmas, são cada vez mais números ao invés de seres individuais, são cada vez mais os lugares onde não cria identidade singular, muito menos relação, enquanto apenas solidão permanece.

É sobretudo nas zonas urbanas que esta situação mais se reflete. Aqui, na cidade, evocamos uma nova realidade, um mundo globalizado que marca a vida urbana e humana; que pulveriza e desarticula as comunidades, quebrando os laços de relação e proximidade. Os filhos da cidade nasceram e cresceram com outros

31 Thomas Merton, *O homem novo*. (Rio de Janeiro: Agir editora, 1966).97.

32 Cf. Merton, 99.

desafios. Mas a cidade global é uma realidade ou, melhor, a nossa realidade!

Desta forma, somos levados a questionar: na cidade não habita Deus?

Ainda que a vida urbana se tenha transformado, e nela tenhamos encontrado uma nova forma de ser Igreja, onde a prática religiosa mudou, está longe de ser um «deserto espiritual».³³

Após a nossa reflexão, podemos observar que, sendo o lugar um espaço de construção da vida social, onde o ser humano pode viver em relação e desenvolver a vida em todas as suas dimensões, para além de antropológicas, as cidades são também lugares teológicos, uma vez que nelas encontramos lugares da Epifania de Deus, lugar onde o Espírito de Deus se manifesta e apela a novos desafios. Há, sim, que estar atentos aos sinais dos tempos e compreender as complexas interações sociais e culturais, uma vez que somos chamados a atualizar a nossa atenção que dedicamos à comunidade humana de que fazemos parte. E é esta experiência, que não isola o religioso no seu encontro amoroso e fiel com Deus, que tem como consequência um descentrar-se, um sair de si, para reconhecer o outro e, nesse reconhecimento, chegar ao Totalmente Outro.

Uma vez criados à imagem e semelhança de Deus, é então necessário “sair” de nós mesmos para irmos ao encontro de Deus e dos outros, pois não há outro meio de descobrirmos quem somos senão descobrindo em nós a imagem divina.

Bibliografia

- Augé, Marc. *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Lisboa: Letra Livre, 2022.
- Carlos, Ana Fani Alessandri, *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.
- Congar Yves, *Esta Igreja que eu amo*. Lisboa: União gráfica, 1969.
- Corti Renato e Enzo Bianchi. *A Paróquia*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2006.
- Coda, Piero – Giovanni Filoramo *Il cristianesimo*. Grande dizionario, II, Torino: UTET, 2006.

33 Peter Stilwell. *O espírito na cidade. Semana de estudos teológicos*. (Prior velho: Paulinas, 2005), 6.

- Franciscus. «Adhortatio Apostolica “Evangelii Gaudium”». AAS 105 (2013): 1019- 1137.
- Freitas, Tiago. *Colégio de Paróquias. A paróquia em tempos de mobilidade*. Prior velho: Paulinas Editora, 2018.
- Giddens. *As consequências da modernidade*, Oeiras: Celta Editora, 2002⁴.
- Maciel, Ulisses. *Não-lugares: Um olhar sobre as metrópoles contemporâneas*, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.
- Martin J. Lopez, *En el Espíritu y la verdad. Introducción teológica a la liturgia*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1993.
- Merton, Thomas *O homem novo*. Rio de Janeiro: Agir editora, 1966.
- Paulo VI. «Adhortatio Apostolica “Evangelii Nuntiandi”». AAS 68 (1975): 5-76.
- Paredes, José Cristo R. G. *É possível outra comunidade, sob a liderança do espírito*. Prior Velho: Paulinas editora, 2018.
- Sá, Maria Teresa Salgueiro de Vasconcelos, «Lugares e não-lugares em Marc Augé» *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 28.
- Stilwell, Peter. *O espírito na cidade*. Semana de estudos teológicos. Prior velho: Paulinas, 2005.
- Teixeira, Alfredo. «A paróquia como «lugar»: estilos de vida paroquial». *Cadernos ISTA*, Instituto São Tomás de Aquino, n.º 34, 2017, Ano XXII.
- Vilhena, J. (2002). «Da cidade onde vivemos a uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade» . *Pulsional: Revista de Psicanálise*, XV (163), (2002), 48-54.

ESPERANÇA, A SEMENTE DA VIDA

Carla Correia

A minha presença no Retiro do Laicado em março de 2025 levou-me a partilhar a Esperança, como semente de Vida. A Quaresma será sempre um tempo de caminho interior, um convite a renovar o coração e a aproximarmo-nos de Deus. O tema– “*A esperança, a semente da vida*” – ajuda-nos a compreender que a esperança não é apenas um sentimento passageiro, mas uma força que dá sentido ao nosso viver cristão.

A esperança é como uma semente: pequena, discreta, mas cheia de vida. Para germinar, precisa de três realidades fundamentais: **fé, amor e paciência.**

- **A fé** é a raiz desta semente. Sem fé, a esperança não encontra terreno fértil. É a confiança em Deus que nos permite acreditar que, mesmo nos momentos mais difíceis, Ele nunca nos abandona.
- **O amor** é a seiva que dá vida à semente. Quem ama, mantém viva a esperança, porque aprende a olhar para o outro como irmão e a servir sem esperar recompensa. O amor torna a esperança concreta em gestos simples: um perdão, um abraço, uma ajuda a quem precisa.
- **A paciência** é o tempo necessário para que a semente cresça. Nada nasce de um dia para o outro. A paciência ensina-nos a esperar, a confiar nos tempos de Deus e a perceber que a cruz nunca é a última palavra, mas sim a Ressurreição.

Como nos recorda o Papa Francisco: “*A esperança, um dom de Deus, também é uma tarefa que todo cristão deve cultivar.*”

Isto significa que a esperança não é apenas algo que recebemos, mas também algo que construímos todos os dias com a nossa vida.

Ter vivido esta experiência e partilha em Fátima, à luz desta mensagem, foi deixar que Maria me ensinasse a cuidar desta semente. Ela própria foi mulher de esperança, de fé inabalável, de amor generoso e de paciência diante do mistério de Deus.

Assim, cada passo é uma oportunidade de cultivar a esperança – essa semente que, cuidada com fé, amor e paciência, floresce em vida nova, em alegria e em comunhão.

No final da apresentação, ficaram perguntas que nos devem acompanhar em cada dia:

Será que estamos dispostos a caminhar ao lado dos que mais sofrem?

Estamos a viver de forma que ninguém seja deixado para trás?

A esperança na Quaresma é uma transformação comunitária.

O que podemos fazer, cada um de nós, para sermos uma **semente de esperança no mundo?**